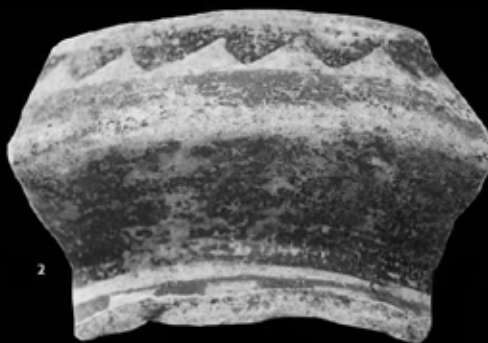


1



2



3

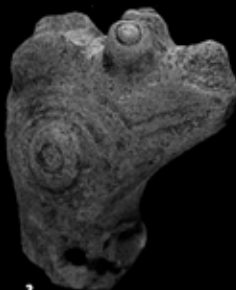


REVISTA DE ARQUEOLOGIA

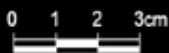
VOLUME 24 _ NUMERO 2 _ DEZEMBRO 2011



4



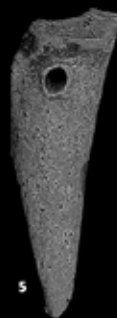
5



6



7



8





REVISTA DE ARQUEOLOGIA

VOLUME 24 _ NUMERO 2 _ DEZEMBRO 2011 _ ISSN 0102-0420



A Revista de Arqueologia, fundada em 1983 pela Prof^a Maria da Conceição M. C. Beltrão e editada originalmente pelo Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq, é uma publicação oficial e semestral da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB.

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

VOLUME 24 - NÚMERO 1 - JULHO 2011 - ISSN 0102-0420

Conselho Editorial

Abdulay Câmara
Adriana S. Dias
Astolfo Gomes de Mello Araujo
Alberico Nogueira de Queiroz
André P. Prous
André O. Rosa
Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho
Denise P. Schaan
Eduardo G. Neves
Fabiola A. Silva
Gilson Rambelli
Gislene Monticelli
Gustavo Politis
João Pacheco de Oliveira Filho
José Lopez Mazz
Loredana Ribeiro
Luiz Cláudio Symanski
Luiz Ossterbeek
Marco Aurélio Nadal De Masi
Michael Heckenberger
Sheila Mendonça de Souza
Tania Andrade Lima
Veronica Wesolovski

Diretoria da SAB

Sociedade de Arqueologia Brasileira
Presidência
Eduardo G. Neves (Universidade de São Paulo)
Vice-Presidência
Sílvia M. Copé (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Secretaria
Luís Cláudio Symanski (Universidade Federal do Paraná)
Sibeli Aparecida Viana (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)
Tesouraria
Loredana Ribeiro (Universidade Federal de Pelotas)
Jacionira Coelho Silva (Universidade Federal do Piauí)
Comissão Editorial
Gabriela Martin D'Ávila (Universidade Federal de Pernambuco)
Arno A. Kern (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Lucas M. Reis Bueno (Universidade de São Paulo)
Comissão de Seleção
Ondemar Dias Jr. (Instituto de Arqueologia Brasileira)
Maria Lúcia F. Pardi (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)
Vera Lúcia C. Guapindaia (Museu Paraense Emílio Goeldi)
Conselho Fiscal
Pedro Ignácio Schmitz (Instituto Anchieta de Pesquisas)
Fernanda B. Tochetto (Prefeitura Municipal de Porto Alegre)
Cláudia Alves de Oliveira (Universidade Federal de Pernambuco)

Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
Av. Prof. Almeida Prado, 1466
São Paulo - SP - Brasil
05508-900

Comissão Editorial: Gabriela Martin, Arno Kern, Lucas Bueno
Editor Responsável: Lucas Bueno
Gestão 2009-2011

Dados Internacionais de Catalogação

Revista de Arqueologia / Sociedade de Arqueologia Brasileira,
2011. São Paulo: SAB, 2011, V. 24, N^o1

Semestral a partir de 2008: 2011.
ISSN: 0102-0420

1. Ciências Humanas. 2. Arqueologia. 3. Antropologia.
4. Sociedade de Arqueologia Brasileira

ARTIGOS

RESENHAS

TESES E DISSERTAÇÕES

SUMÁRIO

- 07 EDITORIAL
- 10 EXPLOTACIÓN DE MYOCASTOR COYPUS EN EL EXTREMO MERIDIONAL DE LA CUENCA DEL PLATA DURANTE EL HOLOCENO TARDIO
Alejandro Acosta y Julieta Sartori
- 30 TOCAS DO GONGO, SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ, BRASIL: UMA BIOARQUEOLOGIA RETROSPECTIVA
Della Collins Cook , Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza
- 50 ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA REGIÃO DE PORTO TROMBETAS, PA
Vera Guapindaia e Daniel Lopes
- 74 UM BREVE ENSAIO SOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E POVOS INDÍGENAS
Marcia Bezerra
- 86 SOBRE O OLHAR – UM EXERCÍCIO DE APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO CONHECIMENTO PRODUZIDO SOBRE OS GRAFISMOS RUPESTRES DA REGIÃO DE DIAMANTINA, MINAS GERAIS.
Luiza Câmpera
- 102 CRONISTAS, ARQUEÓLOGOS E SEU DISTANCIAMENTO DESNECESSÁRIO: AS RICAS INFORMAÇÕES DOS CRONISTAS SOBRE OS ARTEFATOS POLIDOS.
Gustavo Neves de Souza
- 124 TERRITORIO PRIMITIVO. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL (1870-1917)
Resenhado por Cristina Barreto
- 132 PETRÓGLIFOS SUL-AMERICANOS
Resenhado por Franz Scaramelli
- 140 AS ICONOGRAFIAS DAS URNAS FUNERÁRIAS ANTROPOMORFAS MARACÁ (AMAPÁ) – A COLEÇÃO GRUTA DAS CARETAS
Carlos Augusto Palheta Barbosa
- 144 ARQUEOLOGIA ECO-HISTÓRICA DAS LAVRAS DO ABADE
Diogo M. Costa
- 150 NORMAS EDITORIAIS

144

TESES E
DISSERTAÇÕES

ARQUEOLOGIA
ECO-HISTÓRICA
DAS LAVRAS DO
ABADE

Diogo M. Costa, Ph.D.
University of Florida, dmcosta@ufl.edu

Em 1887 as Lavras do Abade, uma vila de mineradores de ouro no centro-oeste brasileiro, foi atacada por duas noites e três dias consecutivos pelo arraial de Meia Ponte, sua vila vizinha e hoje cidade de Pirenópolis. Conforme narrativas locais a mineração foi destruída em consequência da poluição da água do Rio das Almas que nasce na Serra dos Pireneus-GO. Entretanto, pesquisas iniciais conduzidas nesta área (Costa, 2003; Costa, 2006) indicaram que o patrimônio natural local não foi o único motivo de disputas relacionadas ao controle e uso dos recursos hídricos, pois este enfrentamento também foi motivado por disparidades econômicas e disputas políticas entre as duas comunidades. Todavia, se a destruição da vila de mineradores das Lavras do Abade foi o resultado de um “conflito ambientalista”, o aprofundamento das pesquisas neste sítio arqueológico é a forma mais efetiva de comprovar indicadores de uma consciência preservacionista ou conservacionista precoce

no país, resultante da poluição provocada pela indústria da mineração sobre os recursos naturais no Cerrado brasileiro no final do século XIX.

O estudo arqueológico eco-histórico das Lavras do Abade utiliza-se de um suporte teórico que inclui a adição da perspectiva da ecologia histórica sobre a prática da arqueologia histórica, trabalhando com fatores envolvendo a construção de uma memória coletiva, cultural e social, e a história da implantação de uma indústria capitalista durante o período imperial brasileiro. Esta abordagem múltipla é o mérito intelectual do estudo conduzido não somente para as áreas específicas de pesquisa que estão sendo utilizadas, mas também para campos mais amplos da história, arqueologia e ecologia. A inclusão de uma abordagem totalmente ecológica na arqueologia histórica é inovadora, uma vez que a maioria dos trabalhos envolvendo a temática ambiental e arqueológica estão limitados aos estudos

pré-históricos. Porém, se considerarmos que as maiores mudanças ambientais no mundo ocorreram nos últimos 300 anos, ou seja, desde o início da industrialização, podemos então entender que uma investigação que aborde modificações ambientais em períodos históricos é um rico campo de pesquisa, e hoje configura-se inclusive em uma necessidade.

Esta tese (Costa, 2010) e seus desdobramentos (Costa, 2011) são sobre o sítio arqueológico histórico das Lavras do Abade, o qual consiste em um conjunto de vestígios e estruturas de uma mineração de ouro e o testemunho material de um conflito no final do século XIX em meio ao Cerrado brasileiro. O que este particular estudo eco-arqueológico revela é um conflito sócio-ambiental, com conseqüências que influenciaram o controle e gestão de recursos naturais, tanto para este local em específico, servindo também como um exemplo de comportamento para diversas outras sociedades. Em suma, somente a reconstrução de um evento passado como este permite uma análise científica e arqueológica histórica de todas as suas possíveis causas e respectivas conseqüências.

A significância histórica desta pesquisa é apresentada primeiro pela singularidade que este sítio arqueológico representa no contexto da história mundial, como exemplo de um enclave industrial em uma economia rural. Segundo pela natureza estrangeira do empreendedor, assim como o caráter extremamente capitalista do empreendimento, que representaram transformações estruturais importantes ocorridas não só nesta região, mas no país e no continente como um todo. Por fim, o período do final do século XIX demonstra também ser um rico espaço de contradição e construção para e da historiografia brasileira.

A importância arqueológica do estudo

também é única, não somente pelos possíveis padrões referentes ao entendimento de situações de guerrilha e conflito civil como ocorrido no sítio. Mas principalmente porque a arqueologia da mineração em sítios históricos tem muito a contribuir sobre e conhecimento de problemáticas contemporâneas, como a ecologia da prática industrial, os impactos ambientais do uso de poluentes e o contexto político e econômico de explorações extrativistas e suas sociedades.

A exclusividade ecológica da pesquisa também é relevante, porque além do fato principal do estudo ser uma questão a respeito do controle e uso de recursos hídricos, a localização do sítio arqueológico das Lavras do Abade é igualmente singular. O sítio esta situado na Serra dos Pireneus, um divisor geográfico de águas e das três maiores bacias hidrográficas brasileiras: Amazonas, Platina e São Francisco; local também das nascentes dos dois principais rios regionais do Planalto Central, o Rio das Almas e o Rio Corumbá.

O interesse antropológico deste estudo é também considerável, já que o sítio concentra valores das memórias coletivas, culturais e sociais das comunidades do entorno como um lugar de lembrança e esquecimento. Este fenômeno propicia importantes percepções nas formas com que manifestações culturais sobre a natureza são construídas e apropriadas por certos grupos na cidade de Pirenópolis. Por outro lado, uma abordagem mais sociológica também revela diferentes perspectivas sobre sustentabilidade e política dos recursos naturais envolvendo todos os níveis desta sociedade.

A pesquisa foi desenvolvida sobre quatro fontes de informação: o exame de documentos históricos do período imperial no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; a interpretação de entrevistas realizadas com as residentes idosos do antigo arraial de Meia

Ponte, hoje cidade de Pirenópolis; a investigação dos vestígios e estruturas do sítio arqueológico e histórico Lavras do Abade; e o estudo da presença de metais pesados em amostras de solo provenientes das margens do Rio das Almas. A tese é formada por sete capítulos sendo o primeiro uma introdução composta por vários elementos que em parte já foram apresentados acima.

O segundo capítulo é uma revisão bibliográfica em literatura estrangeira com especial atenção para a arqueologia da mineração e arqueologia do conflito. Durante a revisão da arqueologia da mineração a metodologia e teoria deste tipo de arqueologia são apresentadas, seguido da definição dos sistemas de mineração e tipos de ocupações, e aspectos como classe, gênero e o patrimônio arqueológico são inseridos. Na segunda parte, a arqueologia do conflito é caracterizada, tendo também suas metodologias apresentadas e uma discussão referente à memória do conflito em estudos arqueológicos históricos incluída.

O terceiro capítulo é um contexto historiográfico sobre o conflito na Serra dos Pireneus e relacionado o cotidiano de empreendimentos mineradores no centro-oeste brasileiro. A descrição do conflito ocorrido é precedida por uma panorâmica da história da província de Goiás no século XIX, e as particularidades históricas de seus dois protagonistas: os arraiais de Meia Ponte e das Lavras do Abade. Por fim, os resultados do conflito são apresentados, assim como a revelação dos impactos de um enclave capitalista estrangeiro em uma economia rural regional no final do século XIX.

O quarto capítulo é o estudo propriamente dito do depósito arqueológico das Lavras do Abade, através da análise estratigráfica e interpretação espacial dos vestígios e estruturas presentes no sítio. Neste capítulo a investigação arqueológica de três unida-

des específicas é apresentada: a sede administrativa e casa do proprietário, a loja de secos e molhados e armazém e a serralheria e moinho. Em seqüência a pesquisa laboratorial dos artefatos é descrita, assim como as interpretações socioeconômicas de vestígios materiais em louça, vidro, metal, e cerâmica são feitas. Para finalizar uma breve comparação entre os depósitos arqueológicos de Pirenópolis (antiga Meia Ponte) e das Lavras do Abade é realizada.

O quinto capítulo contém uma investigação antropológica incluindo a história oral e memória do conflito. Primeiro a memória como mecanismo de medir o tempo usado por todas as sociedades é referenciado, seguido dos seus aspectos psicológicos e filosóficos nos atos de lembrar e esquecer. Depois a teoria da memória coletiva é exaustivamente revista, assim como a da memória cultural e social. Estes três paradigmas são aplicados para compreender tanto as entrevistas realizadas com os mais idosos habitantes da cidade de Pirenópolis, como as manifestações culturais desta sociedade. Por fim os aspectos dos lugares esquecidos e da memória envergonhada/enquadrada são discutidos, assim como o uso da cultura material proveniente do sítio enquanto aspecto físico de recordação é revelado.

O sexto capítulo é uma pesquisa ambiental referente ao histórico da poluição causada pelas Lavras do Abade no Rio das Almas. No início o bioma do Cerrado é descrito e explicado com percepções relacionadas às características das pesquisas ecológicas históricas realizadas sobre o tema, e principalmente envolvendo o ecossistema examinado da Serra dos Pireneus. Em seqüência os impactos da exploração mineradora são apresentados, através de uma descrição das técnicas de mineração do século XIX, e as conseqüências ambientais de tal

prática em recursos hídricos. Por fim, o estudo eco-arqueológico da área é apresentado assim como as análises e interpretações sobre os dados coletados e seus padrões existentes.

O capítulo sete marca a conclusão do trabalho, aqui considerações finais são elaboradas sobre os resultados alcançados na pesquisa. Primeiro os achados arqueológicos são discutidos conforme sua relação ou não frente às informações preditas pela arqueologia da mineração e do conflito. As estruturas edificadas no sítio também são analisadas através de diferentes perspectivas e tecnologias, assim como a paisagem histórica do sítio, que é amplamente interpretada. Segundo, a ecologia e memória estudadas são avaliadas não somente quanto ao legado da poluição e a memória construída, mas também a respeito dos problemas de gestão dos recursos hídricos e seus impactos na sociedade. Finalmente uma conclusão é proposta, de que o conflito das Lavras do Abade mais do que um enfrentamento ambiental no centro-oeste brasileiro no final do século XIX foi também o reflexo de um embate econômico e de uma luta política na região, sendo em última instância o resultado de um movimento eco-social nascente.

REFERÊNCIAS:

COSTA, D. M. *Lavras do Abade: Estratégias de Gestão para o Patrimônio Arqueológico Histórico em Pirenópolis, Goiás*. (2005). 94 f. (Mestrado) - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

_____. Arqueologia Histórica nas Lavras do Abade: Uma Proposta de Gestão do Patrimônio. *Anais do Museu Histórico Nacional* [S.l.], v. 38, p. 71-102, 2006.

_____. *Water and War at Pyreneus Mountains: Historical Eco-Archaeology of a Goldmine Village in the end of Nineteenth Century Mid-Western, Brazil*. (2010). Dissertation (Ph.D.) - Anthropology, University of Florida, Gainesville, 2010.

_____. *Water and War at Pyreneus Mountains: Historical Eco-Archaeology of Lavras do Abade*. Saarbrücken: LAP Lambert Academic Publishing, 2011.

ARTIGOS

RESENHAS

TESES E DISSERTAÇÕES

SUMÁRIO

07 EDITORIAL

10 EXPLOTACIÓN DE *MYOCASTOR COYPUS* EN EL EXTREMO MERIDIONAL DE LA CUENCA DEL PLATA DURANTE EL HOLOCENO TARDIO
Alejandro Acosta y Julieta Sartori

30 TOCAS DO GONGO, SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ, BRASIL:
UMA BIOARQUEOLOGIA RETROSPECTIVA
Della Collins Cook , Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza

50 ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA REGIÃO DE PORTO TROMBETAS, PA
Vera Guapindaia e Daniel Lopes

74 UM BREVE ENSAIO SOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO
E POVOS INDÍGENAS
Marcia Bezerra

86 SOBRE O OLHAR – UM EXERCÍCIO DE APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO CONHECIMENTO PRODUZIDO SOBRE OS GRAFISMOS RUPESTRES DA REGIÃO DE DIAMANTINA, MINAS GERAIS.
Luiza Câmpera

102 CRONISTAS, ARQUEÓLOGOS E SEU DISTANCIAMENTO DESNECESSÁRIO: AS RICAS INFORMAÇÕES DOS CRONISTAS SOBRE OS ARTEFATOS POLIDOS.
Gustavo Neves de Souza

124 TERRITORIO PRIMITIVO. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL (1870-1917)
Resenhado por Cristina Barreto

132 PETRÓGLIFOS SUL-AMERICANOS
Resenhado por Franz Scaramelli

140 AS ICONOGRAFIAS DAS URNAS FUNERÁRIAS ANTROPOMORFAS MARACÁ (AMAPÁ) – A COLEÇÃO GRUTA DAS CARETAS
Carlos Augusto Palheta Barbosa

140 ARQUEOLOGIA ECO-HISTÓRICA DAS LAVRAS DO ABADE
Diogo M. Costa

NORMAS EDITORIAIS

144

150